

Impressão

31 de março de 2014 15:56

Guimarães anda a estudar as Nicolinas, mas pode nem as candidatar à Unesco

Contrariando uma certa moda, o município admite que a inscrição na lista mundial de património imaterial só acontecerá se for vantajosa para o concelho e para as próprias festas

Património
Abel Coentrão

O estudo antropológico sobre as Festas Nicolinas encomendado pela Câmara de Guimarães está a ajudar o concelho a reflectir sobre as vantagens, e eventuais desvantagens, de uma candidatura desta manifestação dos estudantes do secundário a património imaterial da Unesco. O estudo foi encomendado quando entre os vimaranenses se propunha a internacionalização das festas, mas o investigador Jean-Yves Durand, do pólo da Universidade do Minho (UM) do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), tem sérias dúvidas sobre o impacto externo de uma possível classificação mundial.

Jean-Yves Durand, que termina por estes dias um trabalho de quatro anos no Museu da Terra de Miranda, já perdeu a conta às notícias que vai lendo sobre intenções de candidaturas portuguesas à lista de património imaterial da Unesco, na qual já está o Fado e poderá entrar, este ano, o Cante Alentejano. É uma moda, admite o antropólogo, lembrando que, curiosamente, o Fado é do mundo, mas não está ainda sequer inscrito no Inventário Nacional de Património Imaterial porque, quando o país o propôs, ainda nem tínhamos transposto a convenção da Unesco que chamou a atenção para a salvaguarda deste tipo de manifestações ligadas à tradição e identidade dos povos.

O mesmo se passa com as festas organizadas pelos estudantes do ensino secundário de Guimarães. Antes sequer de se proporem ao planeta, será preciso conseguir a classificação a nível nacional, o que para Jean-Yves Durand não parece levantar dificuldades. A permanência no tempo – as Nicolinas, ainda que noutras formas de organização, estão regulamentadas desde o século XVII –, a sua originalidade no contexto nacional e a sua inscrição na vida da cidade, que naqueles primeiros dias de Dezembro adere aos seus vários momentos com intensidade, são argumentos fortes. Mas é preciso saber se isso chega para convencer o painel da Unesco.

E é preciso saber também se a cidade tem vantagens nessa classificação. O vereador da Cultura, José Bastos, assume todas as cautelas levantadas no estudo já feito, ainda



As Festas Nicolinas, que se realizam em Dezembro, estão regulamentadas desde o século XVII

que não finalizado, pela equipa liderada pelo antropólogo francês da UM. “Há uma certa confusão entre os efeitos na visibilidade internacional de uma classificação de património material, como a que temos no Centro Histórico, e as vantagens de pertencer à lista de património imaterial”, nota o autarca. Jean-Yves Durand tinha feito o teste nos debates, sempre muito participados, em que interveio, a propósito do seu estudo. A dada altura perguntou, na plateia, quem conhecia as manifestações culturais espanholas com classificação mundial. E só uma pessoa conseguiu apontar algo mais que o Flamenco.

Entre tradições linguísticas, musicais, teatrais, festas populares, o país vizinho tem onze manifestações com classificação mundial. Mas o impacto disso, do lado de cá, está por medir. Ainda que admita ser necessário estudar as festas nas vertentes da economia e do turismo, entre outras, José Bastos até acredita desde já que

a cidade não poderia esperar muito, do ponto de vista turístico. As festas são no início de Dezembro, época baixa, e, argumenta, o simbolismo deste tipo de iniciativas é muito mais compreendido pelos locais. E, digase de passagem, é esse sentido comunitário, vivido por quem é de dentro, que as torna importantes, o que leva o vereador a considerar que até se possa partir para o crivo da Unesco apenas para reforçar o já fortíssimo sentido de pertença dos vimaranenses, e a auto-estima da população, se se considerar isso essencial.

Excesso de fama

No trabalho já realizado, que há-de dar lugar a um livro, Jean-Yves Durand assinala inclusive que a festa já mostra, no seu número mais famoso, o cortejo do Pinheiro, o risco do excesso da fama. Para lá dos milhares de vimaranenses que, vivendo fora, marcam férias e folgas para estarem na cidade nesta altura do ano, o des-

file de abertura marcado pelo toque de caixa atraiu nos últimos anos muitos forasteiros da região, levando o caos – rítmico até – a um evento que tem, como toda a tradição regulamentada, uma cadência que seria de respeitar.

Esta consequência do sucesso, que para alguns nicolinos mais tradicionalistas é visto como um problema, acaba por ser importante para a reflexão que a cidade tem que fazer. Afinal, uma classificação, nacional ou internacional visa a salvaguarda de uma dada tradição, não o seu abastardamento e transformação numa imensa e indistinta animação de rua, como a alguns pareceu.

O antropólogo do CRIA chama a atenção para outro aspecto: o consumo excessivo de álcool e as praxes, tradições “não escritas” e muito presentes nestas festas estudantis, organizadas por uma comissão de alunos que tem por trás a associa-

ção dos velhos nicolinos, de antigos estudantes, podem emperrar uma candidatura à UNESCO. Da mesma forma, a exclusão das mulheres da organização, apesar de uma crescente participação destas nas festas, pode ser um problema.

José Bastos concorda, mas só em relação à participação feminina. Quanto ao álcool e às praxes, o vereador vê-os como algo que não tem que ver com a origem das festas, mas que resulta das formas contemporâneas de vivência juvenil, pelo que não acredita que pudessem prejudicar uma candidatura das Nicolinas. Em todo o caso, o autarca insiste que o concelho tem de continuar o debate, com base num conhecimento sólido, que está a ser construído com o apoio dos académicos. “O sentir vimaranense coloca muita emoção nas coisas que são suas, mas é preciso trabalhar com base no conhecimento que as ciências sociais podem trazer”, alerta.